

## CONVIVER: PRINCÍPIO, MEIO E FIM DA PEDAGOGIA AGOSTINIANA

*Fr. Luiz Antônio Pinheiro, OSA*

*Fr. Tailer Ferreira, OSA*

Ao convocar-nos a reconstruir o Pacto Educativo Global, o Papa Francisco, nos recordava que *“nunca, como agora, houve necessidade de unir esforços numa ampla aliança educativa para formar pessoas maduras, capazes de superar fragmentações e contrastes e reconstruir o tecido das relações em ordem a uma humanidade mais fraterna.”*<sup>1</sup> De fato, nosso mundo está cada vez mais ferido pela fragmentação, provisoriedade e imediatez. Mudanças ligeiras, referenciais vários, verdades e pós-verdades fazem nossos tempos gasosos e complexos. Não obstante tamanhos desafios, o Papa exorta para que *“juntos, procuremos encontrar soluções, iniciar sem medo processos de transformação e olhar para o futuro com esperança.”*<sup>2</sup>

Olhar para o futuro com esperança! Tal atitude só é possível aos que foram atravessados pela boniteza de um sonho, de uma educação que é capaz de transformar as pessoas que vão transformar o mundo. Assim, como Agostinianos, herdeiros de um legado milenar, nos lançamos inquietos na tarefa de colaborar com a (re)construção deste Pacto Educativo Global. Como Agostinianos, acreditamos que a arte de CONVIVER constitui o princípio, o meio e o fim de um saber e de um fazer pedagógicos de excelência. Mas, o que de fato tem a nos ensinar Santo Agostinho, nosso patrono, acerca dessa arte de CONVIVER? Suas experiências podem nos iluminar ainda hoje? Que caminhos nos tocam percorrer, todavia?

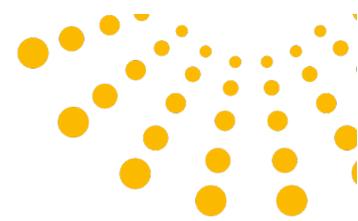
Santo Agostinho sempre prezou pela companhia dos amigos, estar junto, CONVIVER. *“Outras coisas havia em meus amigos que me atraíam e cativavam: conversar e rir juntos; servir-nos uns aos outros; ler em comum bons livros; fazer pilhérias e elogios recíprocos; discordar algumas vezes sem rancores nem querelas –*

---

<sup>1</sup> CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. Pacto Educativo Global: vademecum português, p. 4. Disponível em: < <https://www.educationglobalcompact.org/resources/Risorse/vademecum-portuges.pdf>>. Acesso em: 04 set 2023.

<sup>2</sup> *Idem*, p. 5.



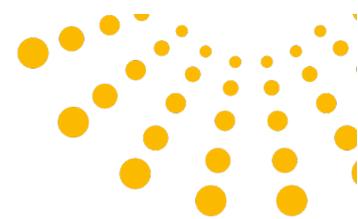


*como discorda um homem de si mesmo – e, na rara discordância, amadurecer o frequente consenso, ensinar-lhes e deles aprender, sentir saudades dos ausentes e recebê-los com alegria ao voltarem. Com esses gestos e outros semelhantes que brotam do coração dos que amam e são amados, que se manifestam pelo rosto, pela boca, pelos olhos e por outras mil agradáveis expressões, como faz o fogo com os combustíveis, se fundem as almas, e de muitas se faz uma só.” (Confissões IV,8,13).*

Ao percorrermos a trajetória existencial do Bispo de Hipona, não é difícil perceber como a comunhão – ideal dos primeiros cristãos – tornou-se seu projeto de vida, tornou-se também um ideal a ser compartilhado com quem está em busca e se dispõe a bem *conviver*. De fato, na Regra de Vida que deixou aos seus seguidores, Santo Agostinho parte de um princípio fundamental, o amor: *“Antes de tudo, irmãos caríssimos, amai a Deus e depois ao próximo, pois estes são os principais mandamentos que nos foram dados.”* (Regra 1). Ao fazer eco ao duplo mandamento, preconizado pelo Evangelho, Agostinho insiste conquanto que, *“É começando pelo segundo amor que se chega ao primeiro amor.”* (Sermão 265,9). E acrescenta: *“O amor de Deus é o primeiro que nos é prescrito, o amor do próximo é o primeiro que se deve praticar.”* (Comentário ao Evangelho de São João 17,8). Poderíamos dizer, portanto, que para Santo Agostinho CONVIVER é o princípio sem o qual fracassa qualquer projeto comum. Mas não basta conviver, é necessário conviver bem. E isso só é possível a partir de uma concepção de Deus, que é fundamentalmente uma relação de AMOR: Pai, Filho e Espírito Santo. O Deus revelado por Jesus Cristo.

A partir desse núcleo fundamental, se entrevê a finalidade do CONVIVER: *“Em primeiro lugar – já que com este fim vos haveis congregado em comunidade – vivei unânimes em casa e tende uma só alma e um só coração em caminho para Deus.”* (Regra 3). Importa para Agostinho que aqueles que abraçaram esse projeto persigam com radicalidade, ou seja, no mais profundo de si, a união de almas e corações, tendo em vista uma meta, que é o próprio Deus, a “melhor das comunidades”, inspirador, dinâmica e modelo de toda autêntica *COMUM+UNIDADE* (cf. *A Trindade VIII, Prol. 1. 10,14*). Daí, para Agostinho, a centralidade dos valores evangélicos anunciados e vividos por Jesus





Cristo com seus primeiros discípulos e discípulas e transmitidos pela primeira comunidade cristã, na qual se fundamentou Santo Agostinho para elaborar a sua Regra.

Há uma dignidade e igualdade basilares entre todas as pessoas que lhes permite, em comunidade, desenvolver seus dons e potencialidades. Longe de anular as singularidades, a convivência comunitária as pressupõe e valoriza. *“A comunidade não é um reino homogêneo onde todos participam de uma mesma natureza e uma mesma ideia. É um âmbito de singularidades que se ajudam mutuamente na árdua tarefa de existir.”*<sup>3</sup>

A prova concreta dessa valorização das singularidades, por sua vez, se observa pela comunhão de vida e de bens. *“E não possuiais nada como próprio, mas tende tudo em comum, e que o Superior distribua a cada um de vós o alimento e a roupa, não igualmente a todos, pois nem todos sois da mesma compleição, mas a cada qual segundo o necessitar...”* (Regra 4). Essa base material, resguardada por aquela de caráter espiritual, a humildade, é, sem dúvida o eixo central em torno do qual deve se pautar o CONVIVER e a busca de cada qual pela sua própria excelência. Assim se conjugam agostinianamente os princípios de boa convivência que hoje procuramos trabalhar na cultura da paz: diversidade, equidade e inclusão.

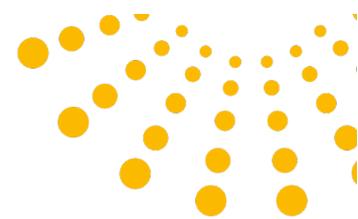
Daí decorre a atitude fundamental dos que descobriram o valor de CONVIVER o respeito à dignidade daquele e daquela que coabita esta Casa comum. Ora, vivendo em uma sociedade que apregoa um individualismo competitivo e consumista, que ainda promove guerras, que se fecha ao diferente, que ergue muros, parece-nos atual e inspiradora a experiência de Agostinho. Como, porém, alcançar essa experiência de ter um só coração e uma só alma? Como redescobrir a beleza desse CONVIVER? Como fazer dele princípio, meio e fim do nosso labor pedagógico?

Santo Agostinho observa que não há ser mais social do que o ser humano. A pessoa se torna pessoa na convivência. Todavia, ele também assinala que entre os seres sociáveis, somente o ser humano provoca as guerras e dissensões; os animais vivem em maior concórdia que os humanos: *“Jamais os leões nem os dragões desencadearam entre si mesmos guerras semelhantes às dos seres humanos”*, e, paradoxalmente, em relação à

---

<sup>3</sup> ROSELLÓ, Francesc Torralba. El valor de la comunidad a luz del espíritu agustiniano. In: ROSELLÓ, Francesc Torralba; GUAITA, Carmen; VIVES, Narcís. *El valor de lo comunitario en la escuela agostiniana*. Madrid: Federación Agustiniana Española, p. 31. (Tradução nossa)





humanidade, “não há raça tão sociável por natureza e tão dada à discórdia em sua desagregação” (*A Cidade de Deus* XII, 22. 27).

Mas há outro dado antropológico fundamental sobre o qual Agostinho discorre com maestria: há no ser humano um desejo natural da paz: “o ser humano sente-se de algum modo impulsionado pelas leis de sua natureza a formar sociedade com os demais semelhantes e a viver em paz com todos eles no que estiver em sua mão” (*A Cidade de Deus* XIX,12,2).

Esse desejo, como os demais desejos bons, foi distorcido por um desequilíbrio que complicou a construção de uma harmoniosa convivência, à qual a tradição judaico-cristã chama de pecado: a paz desejada acaba sendo buscada mais pelos interesses pessoais, ou de grupos, ou de povos inteiros, e não por uma ordem social justa: “Dois amores fundaram duas cidades: o amor egoísta, levado ao desprezo de Deus, a cidade terrena; o amor de Deus, levado ao desprezo de si próprio, a cidade celestial” (*A Cidade de Deus* XIV,29).

As relações pacíficas entre os seres humanos têm seu fundamento na relação de cada ser humano com Deus, seu criador. Dimensão social e dimensão religiosa não se opõem, mas são a garantia dessa paz. A paz social completa acontecerá quando toda a humanidade se unir na perfeita concórdia da amizade com Deus. A reflexão agostiniana sobre o bem comum, uma das prediletas de Agostinho, encontrará sua profundidade paralelamente ao aprofundamento da “caridade cristã”, quando o amor à Verdade chegar a concretizar-se no reconhecimento e no amor de Cristo aos pobres: desde a compaixão com os últimos, com as periferias geográficas e existenciais, com os descartados da sociedade se restaura a edificação da civilização da paz, ancorada em princípios como a verdade, a justiça, a solidariedade, a ecologia integral.

O ser humano está chamado a CONVIVER não somente com Deus e seus semelhantes, mas também com o mundo da natureza, à qual ele mesmo pertence. Essa ideia está plenamente coerente com a espiritualidade inspirada na ideia de que “a Deus agrada a unidade de muitos”. O ser humano encontra-se numa necessária relação com o mundo. Longe de ser um elemento estranho ao mundo, a pessoa é uma pequena parte do mundo criado por Deus (cf. *Confissões* I,1,1); ainda mais, o ser humano mesmo é um



# Educação que transforma.



microcosmo porque nele se recapitulam os seres do mundo físico, vegetal, animal e espiritual: “*Temos a existência como as madeiras e as pedras, a vida como as árvores, a sensibilidade como os animais, a inteligência como os anjos*” (Sermão 43,4).

Como insiste o Papa Francisco, “*tudo está interligado*”. Nós não somos donos do mundo, recebemos um chamado para ser guardiães, cuidadoras e cuidadores da Casa comum. Para que isso aconteça, é necessário construir as bases de um “*novo humanismo*”, reconduzir o ser humano às relações de fraternidade, simplicidade e liberdade; descobrir novas formas de organizações econômicas, mais justas e equânimes; respeitar as diferenças. Desta forma asseguraremos a construção de uma autêntica “*Cultura da Paz*”. E isso se consegue com um novo pacto educacional, transformando o mundo todo numa grande aldeia que emprega seus melhores recursos, como a tecnologia, por exemplo, em prol desse outro mundo possível.

Portanto, faz-se necessário ensinar CONVIVER BEM. A Escola Agostiniana, como “aldeia que educa”, tem uma bela missão. Desafiadora é a arte de educar para conviver bem. Este é o ideal do projeto pedagógico agostiniano, um verdadeiro “*projeto de vida comum*”. O Fórum Agostiniano de Educação deseja dar passos nessa direção! Como educadores agostinianos queremos escutar o educador Agostinho e dialogar com os muitos desafios e dilemas que atravessam a sociedade contemporânea e brotam no chão dos nossos centros educativos. Vamos?

